

Fim de trabalho infantil pede engajamento

Empresários defendem que companhias controlem fornecedores e pressionem por combate à informalidade

Encontro, realizado na Colômbia, discute estímulo a projetos sociais e cuidados com imagem da marca

ANDRÉ PALHANO
ENVIADO ESPECIAL A BOGOTÁ

As empresas têm um papel relevante nos esforços da sociedade para a erradicação do trabalho infantil, que envolve o engajamento de fornecedores, o estímulo a projetos sociais de educação e inclusão na infância e o alinhamento às políticas públicas relacionadas ao tema.

Essas são algumas das conclusões do Encontro Internacional Contra o Trabalho Infantil, realizado nos dias 3 e 4 deste mês em Bogotá, Colômbia, promovido pela Fundação Telefônica.

“O trabalho infantil é a escravidão do nosso século. Não há como as empresas, que concentram hoje o poder econômico, ficarem alheias ao tema”, disse o secretário-geral da OIEI (Organização de Estados Ibero-Americanos para a Educação, Ciência e Cultura), Álvaro Marchesi.

No caso da América Latina, região que reúne cerca de 14 milhões de crianças que trabalham, das quais mais de 9 milhões em condições perigosas —os dados da OIT (Organização Internacional do



Munir Uz Zaman-12.Jun.2010/France Presse

Crianças trabalham em fábrica de Bangladesh; segundo especialistas, problema ocorre sobretudo na economia informal

DEFINIÇÃO DE TRABALHO INFANTIL

Como a OIT (Organização Internacional do Trabalho) define “trabalho infantil”?

A organização internacional considera trabalho infantil “toda atividade econômica realizada por pessoas abaixo da idade mínima requerida pela legislação nacional para incorporar-se a um emprego ou por menores de 18 anos e que interfira em sua escolarização, se realize em ambiente perigosos ou ocorra em condições que afetem seu desenvolvimento psicológico, físico e moral, imediato ou futuro.

Trabalho) são considerados conservadores—o assunto é especialmente complexo.

“Em diversos setores produtivos ainda não se conseguiu enxergar e compreender a gravidade do problema”, defende Lucas Utrera, pesquisador de Responsabilidade Social Corporativa na Uade (Universidade Argentina da Empresa).

Segundo ele, o que ocorre é justamente o contrário.

“Em muitas regiões da América Latina, o trabalho das crianças está legitimado, constituindo um componen-

te importante dos processos produtivos atuais”, afirma o especialista.

REPUTAÇÃO DA MARCA

Para as empresas, um dos maiores riscos do trabalho infantil está associado à reputação da marca. Grandes grupos empresariais, como Nike e Apple, já viveram o pesadelo de enfrentar escândalos na mídia.

Para os especialistas reunidos no debate em Bogotá, combater o trabalho infantil representa também uma preocupação econômica. Es-

tima-se que quase a totalidade das crianças que trabalham na região atuem na economia informal.

“Ao combater o trabalho infantil, as empresas estão combatendo a informalidade da economia, segmento em que há empresários que não se preocupam com questões como reputação ou competitividade por meio de instrumentos legítimos”, aponta Guillermo Dema, especialista para o Trabalho Infantil e Emprego Juvenil para as Américas da OIT.

Há também a questão da

desigualdade de renda e a limitação de geração de riqueza no país. Estudo da Esalq/USP revela que pessoas de 30 a 65 anos que trabalharam antes dos 16 anos no Brasil recebem, em média, 7% a menos do que as demais.

“Ao diminuir a geração de renda, o trabalho infantil acaba sendo também um fator limitante do próprio crescimento econômico”, explica o pesquisador Marcelo Justos dos Santos, da Esalq/USP, um dos autores do estudo.

O jornalista ANDRÉ PALHANO viajou a convite da Fundação Telefônica